DR. ANTÓNIO DE CASTRO XAVIER MONTEIRO

A Venerável Madre Custódia Maria do Sacramento

BRAGA
ESCOLA TIPOGRÁFICA
DA OFICINA DE S. JOSÉ
1 9 4 9

DR. ANTONIO DE CASTRO XAVIER MONTEIRO

A Venerável Madre Custódia Maria do Sacramento

Ás Reverendas Madres Concepcionistas, para que conheçam e venerem esta sua irmã no hábito, glória da sua congregação,

Of.

O autor

11. V. 1949

SEPARATA
DE
«CENÁCULO»
Revista dos alunos do Seminário Conciliar
(Ano IV — Fascículo II — Número 2)

FALARAM-ME um dia – eu era ainda pouco mais do que menino – no quadro duma *santa* que estava na sala de visitas duma casa conhecida.

A informação, por inesperada, impressionou-me. Contudo, esse retrato lá ficou, imóvel, na parede e na fixidez de óleo antigo, como no fundo do meu espírito ficou a ideia correspondente, embora menos precisa nos contornos e fixa nas tintas.

Decorreram anos; até que um dia vibrei, sacudido pela revelação do nome dessa *santa*, e pela notícia de que seus restos se encontravam numa igreja de Braga, ao alcance dos meus olhos.

Num dia chuvoso do penúltimo outono, dispus-me a contemplar essas relíquias. Diante de mim surgiu então, numa realidade bela e palpitante, a VENERÁVEL MADRE CUSTÓDIA MARIA DO SACRAMENTO.

Ajoelhei reverente, emocionado; li, comovidamente, as páginas que dela num livrinho se publicaram; e achei a sua vida tão digna de ser conhecida que logo fiz o voto de a escrever.

Aqui está.

Venerável Madre Custódia Maria do Sacramento

Nascimento. "Foy a Veneravel Custodia Maria do Sacramento filha de Manoel Ribeiro Veiga, e de sua mulher Catharina de Couto, assistentes na sua Quinta da Veiga de Penço, termo da cidade de Braga„ (1).

Eis o princípio da biografia da Venerável Madre. A autora destas linhas, de seus pais acrescenta que "erão abundantes dos bens do mundo„ (2) e, concluindo a breve notícia de sua vida, fala no "escudo das Armas dos seus Ascendentes, que são dos principaes deste Reyno, Sousas, Abreus, Magalhãens, e Vasconcellos„ (3).

Tive a curiosidade de verificar a verdade destas afirmações.

Realmente, foi na Veiga de Penso, a alguns quilómetros da cidade de Braga, na freguesia de S. Estêvão, que veio ao mundo esta ditosa Serva de Deus.

Está situada esta aldeia no fundo da extensa Veiga, e numa reclusão quase completa. Deste pequeno rincão, enxergam-se bem, ao longe, para o Norte, as torres, chaminés, toda a mancha branca e esfumada dos edifícios bracarenses; para o Sul, muito próxima, a encosta íngreme dos montes da Curviã e Teeiras, recoberta pelo tapete verde-escuro dos matos; para os lados do mar, um pouco mais distante, a mole pesada e nua, quase brunida, do Monte Redondo, de milenária civilização; a Leste, muito vizinho, o Picoto, por cima do qual se surpreende, à distância, na cumeada da Falperra, a capela branca de Santa Marta.

Pois foi ali, em casa de seus pais, no lugar do Assento — uma pequena e sempre verdejante elevação – a poucos passos da igreja paroquial, onde a Venerável nasceu, no dia 17 de Junho de 1706. Foi baptisada com o nome de Custódia na dita igreja, três dias depois, por seu tio, o Reitor de Ronfe, Pe João do Couto (4).

Custódia foi a mais nova dum grupo de oito irmãos.

O mais velho, Manuel do Couto Ribeiro, nascido em 24 de Maio de 1695, foi capitão-mor na cidade de S. Paulo, Brasil, e do seu casamento com D. Maria Rosa Álvares de Castro (5) teve a José do Couto Ribeiro e

---

(1) Madre Maria Benta do Ceo: "*Jardim do Ceo, plantado no convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga, etc.* Lisboa, 1776, cap. VII, pág. 39.

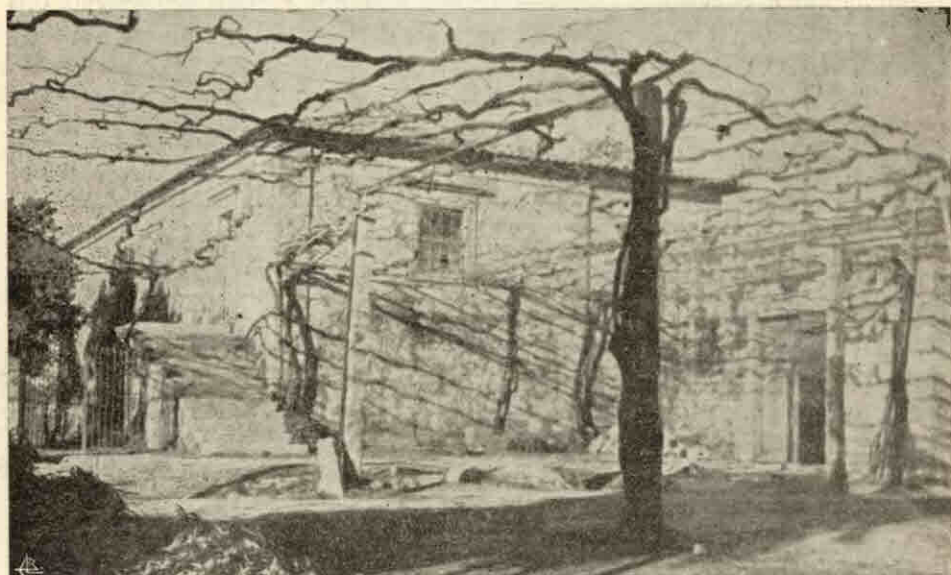
(2) Ibidem, pag. 39.

(3) Ibidem, pag 47.

(4) Registo Paroquial de S. Estêvão de Penso, I, fl. 61 v.

(5) Esta distinta senhora, cunhada da Venerável, era filha de José Álvares de Castro Guimarães, "Sargento Mor da Comarca de Guimarãens e dos Cativos de Entre Douro e Minho e foi Mamposteiro Geral da Bulla e foi Vereador de Guimarãens„, neto de António de Castro Guimarães, comerciante em Guimarães, "Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Xº e Fameliar do Sº Offº e hum dos mayores homens de Cabedaes e Creditos deste Reyno„ (Felgueiras Gaio, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, tomo 11, pg. 94).

Castro, que foi também capitão e com a sua generosidade patrocinou mais tarde a causa da Beatificação da sua venerável tia ([1]).

Nasceu depois, em 1 de Maio de 1696, outro irmão, João do Couto Ribeiro, que foi sacerdote, Reitor de Ronfe após a morte do tio, o P.e João do Couto, e que, como veremos, foi quem mais contribuiu para os gastos com o processo de Beatificação de sua venerável irmã ([2]).

A casa onde nasceu a Venerável Custódia Maria do Sacramento

Nasceram seguidamente Domingos (1697), Custódio (1699), António (1700), Rosa Maria (1702), Belchior, sacerdote (1704), e finalmente a Venerável Custódia ([3]).

Seu pai, Manuel Ribeiro ou Manuel Ribeiro Veiga, nascera também no mesmo casal do Assento, em Abril de 1678, filho de Lourenço Ribeiro, falecido em 1 de Março de 1710 e de Isabel Ferreira, da casa de Pousada, em Jesufrei, Famalicão.

([1]) Este mesmo Capitão, do seu casamento com D. Ana Maria da Maia Sousa Abreu e Vasconcelos, teve a João Jerónimo de Castro Sousa Abreu e Vasconcelos, natural de Trandeiras (Braga), bacharel canonista, a quem D. Maria I, em 13 de Maio de 1793, concedeu brasão de armas: um escudo esquartelado, com Sousas, Castros, Abreus e Vasconcelos (Felgueiras Gaio, l. cit. pag. 95; Sanches de Baena, *Arquivo Heráldico-Genealógico*, n.º 1173, pg. 295).

([2]) Reg.º de S. Estêvão, I, fl. 40.

([3]) Reg.º de S. Estêvão, I, fl. 42 v; 45; 48; 52; 57; 61 v.

Faleceu Manuel Ribeiro em 8 de Setembro de 1737, tendo disposto em seu testamento que seu herdeiro daria "2 moedas de ouro de 4.800 reis cada, a sua filha Custódia... cada ano" (1).

Casara o pai da Venerável Madre em Ronfe, em 11 de Julho de 1694,

Igreja Paroquial de S. Estêvão de Penso onde foi baptizada a Venerável

com Catarina do Couto, irmã do referido P. João do Couto, Reitor da mesma freguesia (2), e do P. Manuel do Couto, Vigário de S. Miguel da Pena

---

(1) Reg.º de S. Estêvão, I, fl. 177 v.

(2) Deste piedoso e distinto sacerdote, tio da Venerável, que teve cura de almas em Ronfe até 1734, escrevera, após a *visita* de 4 de Agosto de 1686, o Dr. António A'lvares de Sequeira, Cónego Magistral da Sé Primaz: "No Espiritual achei esta Igr.ª bem servida pello R.do Reytor della na administração dos Sacram.tos, eme constou ogrd.e zello, ecuidado com apastora oseu rebanho, e satisfas com todas as obrigasois de seu of.º cuio saudavel procedim.to lhe louuo m.to, e lhe emcomendo paternalm.te será cada ves mais cuidadoso, e vigellante....

Elogio semelhante recebia tres anos depois (5. II. 1689) do visitador Rv.º Diogo de Almeida Magalhães:

"Achei esta Igr.ª bem Seruida plo R.do Rector della Sem falta algua de Sacramentos q m.to lhe louuo o zello e Cuidado com q Satisfas a Sua obrigação ...

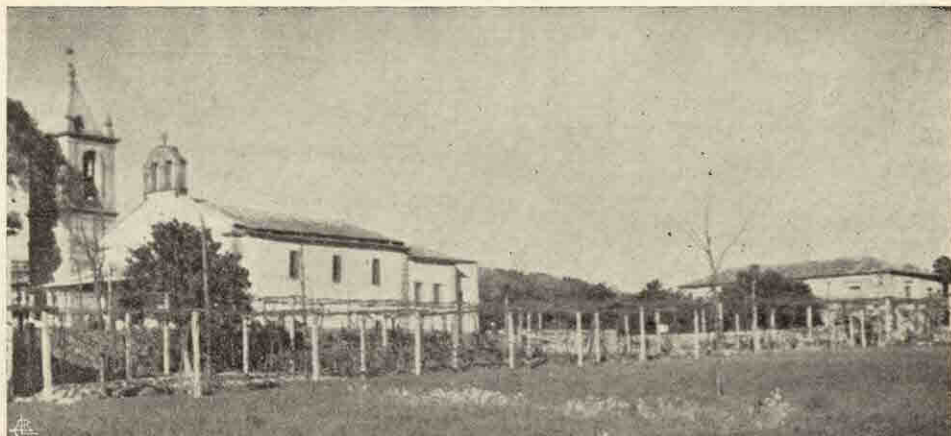
Do mesmo teor o que escreveu o Dr. Pedro Cabeças (26. VII. 1703):

"Achei esta Igr.ª bem Seruida pello R.do Reitor em tudo o q pertence a materia de Seu off.º pello q não tenho q lhe aduirtir; Som.te lhe emComendo Continue p.ª maior honrra de Deos e Salaucam das Almas de Seus freguezes" (Visitas, fl. 68 v. 74, 87).

Fez testamento aos 26 e 27 de Setembro de 1734. Determinou o sufragassem com 4 ofícios de 15 padres, com esmola de dois tostões e ainda "me dirão duas mil missas de tenção, de esmola de quatro vintens". Dispôs mais:

"Mando que meu herdeiro dará de esmola a *Custodia Religiosa* filha de minha irman

(Vila Real) [1], e de Jerónima (1658), Maria (1663), Manuel (1660), e Margarida (1666).

Era Catarina do Couto filha de João Francisco, que nasceu na casa de Gemunde (Ronfe) em 19 de Maio de 1619, filho de Domingos Gonçalves, senhor da terça parte do casal, e de Maria Francisca [2]. Familiar do Santo Ofício por carta da Inquisição de Coimbra de 14 de Janeiro de 1675 (M. 13,

Aspecto da Igreja de S. Estêvão de Penso, vendo-se ao fundo a casa onde nasceu a Venerável

Dil. 367), João Francisco casara em Ronfe, em 17 de Janeiro de 1655, com Jerónima do Couto, irmã do P. António do Couto, nascido em 28 de Janeiro de 1628, Abade de Milheiros, Porto, e do P. João do Couto, nascido em 11 de Janeiro de 1623, também Reitor de Ronfe [3]. Oriundos todos do casal do Couto [4], eram filhos, estes, do Capitão Miguel João e de sua prima

---

Catrina do Couto duas moedas de ouro de coatro mil e oytocentos cada uma, e a dita mãe della lhe dará mais nove mil e seiscentos reis que me devia de emprestimo. (Testamentos, fl. 6-8 v.).

[1] Rg.º de Ronfe, II, fl. 136 v.. Em seu testamento, feito a 27 de Agosto de 1746, instituiu seu herdeiro universal o P. João do Couto Ribeiro, irmão da Venerável (Testamentos, fl. 40).

[2] Rg.º de Ronfe, I, fl. 13 v. A Confraria das Almas de Ronfe tinha o encargo de todos os anos mandar celebrar duas missas, de esmola de tostão, em seu altar privilegiado por intenção de João Francisco e Jerónima do Couto. (Registo das Sepulturas, Capellas, etc. fl. 15).

[3] Registo de Ronfe, I, fl. 96 v.

[4] A origem deste nome que passou do Casal para os seus senhores, encontra-se no facto de pertencer esta casa ao antigo Couto de Ronfe, do qual era, muito provavelmente, limite. A história desta casa confunde-se, pois, com a do velho Couto.

Denominava-se este, primitivamente, de *Belmir*. Temos notícias de que já existia a

Catarina Gonçalves, recebidos pelo Licenciado, P. Salvador João do Couto, Abade de S. Bartolomeu de... aos 6 de Agosto de 1617 [1].

Eis a estirpe de que descendia a Venerável Custódia. De resto, a afirmação de que os seus ascendentes eram as nobres famílias de Sousas, Abreus, Magalhães e Vasconcelos, fundamenta-se no facto de a casa de Gemunde onde nascera e de que era, em parte, senhora a mãe da Venerável, D. Catarina do Couto, ser também solar de João Roiz da Fonseca Sousa

---

villa Belmil no ano 1033 (Onomástico Medieval Portugues, em *O Arqueólogo*, vol. IX, pag. 119; *Vimaranis Monumenta Histórica*, pag. 52 nota).

Um outro documento, do ano de 1059, inventariando os bens pertencentes ao mosteiro vimaranense, fala em diversas povoações do território do mesmo Couto:

"Et in villa belmir et sancto iacobo (Santiago de Ronfe) et iccino quanta hereditate ibi habuit revelio et sua mulier maria cognomento redonda integra...

Et inter mazegio (Mogege) et villa iusti (Além ou Juste, em Ronfe) ecclesia sancto mamate... Et hic in villa belmir III[a] de ecclesia vocabulo sancto mamete..., (Do livro da Mumadona, em *Vim. Mon. Hist.* pag. 46).

Destes documentos se deduz a grande antiguidade destas povoações, todas anteriores à fundação da Nacionalidade portuguesa. Em abono desta mesma afirmação, registamos o facto de Martins Sarmento, numa visita que fizera a esta terra, ter encontrado uma inscrição com o nome duma divindade dos povos primitivos: DVRBEDICVS, nome gravado numa pedra metida na torre da Igreja de Ronfe. (*Revista Lusitana*, I, pg. 236; *Arqueólogo*, VI. pag. 42).

Pelas *Inquirições* dos nossos primeiros reis, conhecem-se os nomes dos mais antigos senhores deste Couto.

As de 1220 (D. Afonso II), não falam da freguesia de Ronfe. A respeito porém de Travassós, nomeiam este Couto e o seu primeiro donatário:

"Jurati dixerunt quod viderant in ista ecclesia pausare Infantem et don Petrum Ooriz in tempore Regis domini Affonsus et Rex domnus Alfonsus defendidit eos quod non pausarent

---

[1] Registo de Ronfe, I, fl. 31 v; 46 v: Felgueiras Gaio, l. cit. pg. 95. Este Salvador João, filho de João Annes do Couto, e tio do Capitão, acima, estudou na Universidade de Coimbra, onde se matriculou em a Faculdade de Cânones, nos anos seguintes:

1.º curso: matriculou-se em 15-XII-1603; 2.º, matr. em 28-X-1604; 3.º, matr. 5-X-1605; 4.º, matr. 1-X-1607; 5.º, matr. 24-XII-1609.

Fez exame de Bacharel em Cânones em 15-VII-1608.

Formatura: 9-V-1610. (Do Arquivo da Universidade).

Sobre a herdade de Ermegilde (Vermil) pesava um legado anual de 2 missas pelas almas de Miguel João do Couto e sua mulher Catarina Gonçalves; mais 1 pelo P. João do Couto, ex-reitor da Igreja de Ronfe e 1 pelo P. António do Couto, ex-abade de Milheiros. Todas de esmola de meio tostão.

Pesava outro legado ainda sobre a leira *Meã*, da casa do Souto (Ronfe), de 3 missas anuais, pelas almas de Miguel João e Catarina Gonçalves, em Agosto (Registo das Sepulturas e Capelas, fl. 10).

Deixeram ainda estes mesmos outro legado de 3 missas anuais (Ibid. fl. 58).

Tiveram também um filho, Manuel João do Couto, que juntamente com João Machado fundara a Capela de S. António do Souto (Escritura de fábrica lavrada no Tabelião de Guimarães Nicolau de Abreu, aos 20 de Janeiro de 1680, registada nos livros do Registo Geral a 9 de Julho, fl. 34 (Ib. fl. 54).

Em seu testamento (8-III-1697) dispusera Manuel João que seu corpo fosse sepultado na dita sua capela, na qual instituia um legado perpétuo de 2 missas por sua alma: uma em dia de S. António (13 de Junho), padroeiro da Capela; outra em dia de Santiago (25 de Julho), padroeiro da freguesia. (Testamentos, fl. 4 ss.).

Abreu Magalhães, seu parente em 3.º grau, a quem em 1723 foi passado brasão com essas armas – o mesmo que pintaram no cofre das relíquias.

Tiveram realmente João Roiz e a Venerável ascendentes comuns: os seus trisavós, Francisco Dias, do casal da Lage, em Gondar (Guimarães) e sua mulher Camila Fernandes. Deste matrimónio houve duas filhas: Ana Francisca que casou com Rodrigo Alves Abreu (padrinho de Baptismo de João Francisco, avô da Venerável), da casa do Assento, em Joane, descen-

---

ibi.. Refere depois as "spatulas de meliori porco" que os moradores deveriam levar a Guimarães; contudo "gecerunt illes eis levare ad Belmir. (*Vim. Monum.* pag. 177).

Deste documento se vê que o donatário do Couto, em tempos de D. Afonso Henriques, era D. Pedro Ooriz.

As Inquirições de 1258 (D. Afonso III), no tocente a Ronfe, completam aquela informação: "Audiuit quod erat Cautum, et honor domne Gontine petri. (Ibid. pag. 290).

As de 1290 (D. Diniz) têm: «Dizem as testemunhas que he couto de belmir per padrõees e per marcos e dizem que ffoy de dom ponço». (Ibid. pag. 358).

As de D. Afonso III, a respeito de S. Mamede: "Est in cauto de belmir. (Ib. p. 310).

As mesmas, com referência a Brito: "Ducunt panem ad Ripam de Ave vel ad belmir et Maiordomus domini Regis non audet propter milites. (Ib. pag. 232); com referência a S. Paio de Figueiredo: "Scindit illos (cem castanheiros) Maiordomus dominj Stephani suerij de belmir pro ad suam casam faciendam. (Ib. pag. 253).

Deste conjunto de informações e com o auxílio dos *Nobiliários* antigos, concluimos que o velho Couto de Belmir foi de D. Gotinha Paez da Silva que o recebera, ao casar com D. Pedro Ooriz, de seu pai, D. Payo Guterres da Silva, Rico-homem em tempos do sogro de D. Afonso Henriques, D. Afonso VI, de quem era primo em 3.º e 5.º grau, Adiantado mor de Portugal, senhor de muitas terras, entre outras, da torre da Silva, de cuja ilustre família foi o progenitor, do Couto de Lanhas (S. Maria de Airão, S. Vicente de Oleiros e S. Paio de Lanhas), e do Couto contíguo de Belmir. Foi senhor também do Porto da Figueira, Alcaide governador do castelo de S. Eulália, em Montemor-o-Velho, e fundou ou reedificou muitas igrejas e mosteiros, como Tibães, Cucujães, Junqueira, Souto, Vilela, etc. (Felgueiras Gaio, tit.º *Silvas*, pag. 25).

D. Pedro Ooriz, após este casamento, passou a chamar-se Pedro Soares de Belmir. Tiveram um filho, o terceiro senhor do Couto: Martim Pires de Belmir.

Este casou com D. Sancha Martins, filha de Martim Fernandes de Riba de Vizela, originário do Paço de Urgezes, «e deolhe o Couto de Belmir em compra de su corpo, e nom ouverão semel» (*Nobiliário do Conde D. Pedro*, ed. Lavaña, em Roma, 1640, pag. 329-330).

O 4.º senhor de Belmir foi, nos reinados de D. Afonso II e D. Sancho II, D. Poncio, cunhado desta D. Sancha Martins.

Posteriormente, passou para a Casa de Bragança, sendo o 11.º donatário do Couto D. Jaime, 4.º Duque de Bragança. Mais tarde ainda passou a ser propriedade dos Condes e Marqueses de Castelo Melhor. O último donatário foi D. António de Vasconcelos e Sousa Camara Caminha Faro e Veiga, 4.º Marquês de Castelo Melhor (*Revista de Guimarães*, XVI, pag. 43).

Dos meados do século XVI em diante, o Couto de Belmir passou a ser designado Couto de Ronfe. Compreendia, neste tempo, as freguesias de Vermil (41 moradores, mais 25 homens solteiros), Ronfe (86 fogos), mais os lugares de Mourisco e Condado (Mogege), Lage, *Couto* e Estrada (Brito). Observe-se, porém, que o casal do Couto era primitivamente de Ronfe: no século XVII era meeiro com Brito, tendo os senhores o privilégio de se sepultarem sempre em a igreja de Ronfe. Hoje esse lugar é da freguesia de Brito.

O Couto de Ronfe foi extinto, por sentença do Corregedor de Guimarães, em 7 de Janeiro de 1835.

O ex-abade de Tagilde, P. Oliveira Guimarães, na *Revista de Guimarães*, do ano de 1899 (vol. XVI), dedica 20 páginas a este Couto. Tem notas históricas curiosas, transcreve os acórdãos das Posturas do Couto e dá a relação completa dos donatários do mesmo. Agradeço ao Rev. Snr. P. Arlindo Ribeiro da Cunha a informação que me deu deste trabalho.

dente dos Abreus, o que deu razão ao brasão acima referido, passado ao seu bisneto João Roiz; Maria Francisca, que casou com Domingos Gonçalves e foram os bisavós da Madre Custódia. Muito provavelmente, portanto, aquele brasão em nada diz respeito à Venerável, pois não descendia do ramo dos Abreus, como o outro seu parente (1).

Casal do Couto — Capela

Se porém a não nobilitara o sangue destes avós, muito e muito mais se nobilitara ela a si mesma por sua virtude.

Infância

A infância de Custódia foi o desabrochar da flor cujo aroma havia de perfumar ainda os altares de Deus. "Já na idade de quatro para cinco annos (qual outra S. Terezinha de Jesus) – lê-se em sua biografia – desapparecia de casa, e buscava a Igreja, na qual sua may muitas vezes a foy achar de joelhos orando com fervorosa, e devota applicação„ (2).

Casal de Gemunde — Entrada

Que particular encanto ver a risonha criança transpor o portão da casa de seus pais, saltitar, jubilosa, pelo adro da Igreja e entrar reverente na casa do Senhor... Que suave, angélica fragrância rescenderia dos seus colóquios infantis com Deus!

---

(1) Felgueiras Gaio, l. c. tomo 3, pag. 49.
(2) *Jardim do Ceo*, pag, 39.

Custódia era mansa, toda propensa para a virtude; no seu peito pequenino pulsava já um grande coração, donde se derramava um amor intenso.

Se um sentimento de piedade umas vezes a atraia para o Templo, uma nobilíssima compaixão para com os necessitados a fazia assomar outras vezes ao limiar da porta, estendendo para eles as mãozitas cheias...

Pois, segundo reza a Crónica, "já naquella tenra idade era tão extremosa na caridade para com os pobres, que tudo o que alcançava lhes dava, não só os comestíveis, senão também os sapatos e outras alfaias do seu uso„ ([1]).

Adolescência.

Custódia crescera; tornara-se maior também na virtude. O teor da sua vida foi a oração e o trabalho. Não obstante os criados que havia em casa, ela tomou a seu cargo "os exercícios mais humildes„: varria, lavava, amassava; e, "em quanto o pão se levedava hia ouvir Missas, e visitar a Via-sacra„ ([2]).

Bendito pão, preparado por mãos tão virginais, tão veneráveis, fermentado ao alento de suas preces! Assim fosse hoje o nosso pão...

Era seu director espiritual P. Fr. Manuel de Santiago, "varão santo e douto„ ([3]).

Custódia era já adulta. Tinha um rosto "formoso„, "sobre o trigueiro„ e "olhos claros, como diamantes„ ([4]).

Sua alma, porém, era mais formosa ainda: trajava "mui honestamente„ e tinha "virtude tão qualificada, que sempre vivera na graça do bautismo„ ([5]).

Boa e formosa, Custódia era, naturalmente, o enlevo de seus pais. Sentir-se-iam muitas vezes felizes, intimamente, pelo tesouro que Deus lhes confiara; algumas outras, tristes... Ter-lhes-á passado pela mente que viria o Senhor um dia – talvez próximo – buscá-la... Aos anjos não se dá, geralmente, viver muito conosco!

No Convento da Conceição

Tinha Custódia vinte e sete anos de idade quando falou aos pais do seu propósito de se fazer religiosa no Convento da Conceição, em Braga ([6]).

Não os surpreendeu a resolução da filha, pois observavam de perto como, desde criança, se consagrara inteiramente a Deus. Assim, logo se

---

(1) *Jardim do Ceo*, pag. 39.
(2) Ibibem, pag. 40.
(3) Ibidem, pag. 40.
(4) Ibidem, pag. 43, 44.
(5) Ibidem, pag. 47, 40.
(6) Ibidem, pag. 40.

conformaram com a sua vontade; apenas "reparavão em que não sabia ler, e que era muito rude„ ([1]).

Não era isto contudo obstáculo algum, pois douta era ela, na ciência da perfeição; se alguma rudeza tinha, seria a da virtude oculta, humilde, silenciosa...

Obtido o consentimento dos pais, apressara-se a falar do seu projecto ao irmão e a seus tios padres, rogando-lhes lhe facilitassem a entrada no Convento. Falaram estes juntamente com Fr. Manuel de Santiago à Superiora; "e logo sem ser vista foy por toda a Communidade aceita com grande gosto„ ([2]).

Custódia via agora em sua frente novos e luminosos rumos .. Cheia de íntima vibração, de ansiedade e também de nostalgia, prepara a sua abalada para o Claustro – para o seu místico noivado!

Noviça. Foi no dia dois de Outubro de 1733, festa do *Anjo Custódio*, que Custódia Maria tomou o hábito de noviça ([3]).

Vivia agora numa muito maior intimidade com o Senhor, para quem afinal, desde sempre, só vivera... Eis porque, como noviça, foi tão observante, que não só cumpria escrupulosamente a sua obrigação, mas ainda "se avantajava às mais„. Pela graça divina, "em menos de seis mezes aprendeo a ler o Latim tão perfeitamente como as mais que nisso foram creadas. Dizia as Liçõens como qualquer das mais Leitoras, e sem saber Solfa cantava as da semana santa como as mais Musicas ([4]).

A cronista da Venerável nada mais acrescenta da sua vida de noviça. Não a surpreendera ainda sob o aspecto mais característico da sua personalidade...

Professa. Foi também em dois de Outubro que fez a sua profissão, "com grande alegria sua, e de toda a Communidade„ ([5]).

Por este dia certamente de há muito suspirava, o seu místico consórcio com o Esposo das Virgens.

Imitava as demais religiosas, não só no hábito como em todo o teor de vida, "pondo *mui particular cuidado* em que a sua virtude fosse mais *interior* do que exterior„ ([6]).

([1]) *Jardim do Ceo*, pag. 40.
([2]) Ibidem, pag. 40.
([3]) Ibidem, pag. 40.
([4]) Ibidem , pag. 40.
([5]) Ibidem, pag. 41.
([6]) Ibidem, pág. 41.

Eis precisamente a nota mais saliente da sua espiritualidade: uma profunda vida interior.

Dotara-a também o Senhor com admiráveis qualidades naturais: "Foi sempre muito sizuda, humilde, e modesta„ ; "tinha admirável singeleza, e paz interior„. Não obstante, ela não era um espírito tacanho, parado, pois consta da sua "viveza de ânimo„ (1).

Seria então por sacrifício e mortificação que ela "guardava quase sempre silêncio„... E talvez não. Seria antes uma necessidade da sua vida íntima. Sabemos que a Madre Custódia "frequentava os Sacramentos a miudo„; "repetia muitas vezes os exercícios de Santo Ignácio„; "era mui frequente, continua„ na oração, pois antes mesmo de ser religiosa "em alguns dias de quinta feira santa passava toda a noite na Igreja da sua Freguesia até à sexta feira em oração„ (2).

Custódia, lâmpada viva! Oh quanto mais ardente no amor e luminos na pureza, aos olhos de Deus, nessas densas noites, que as chamas reverberantes dos círios do altar! Recordando-as no Claustro, talvez ela cantasse, embora noutro sentido, os versos lindos do Místico castelhano:

> "Oh Noite que guiaste!
> Oh Noite amável, mais que a alvorada!
> Oh Noite que juntaste
> Amado com amada,
> Amada no Amado transformada!„ (3)

Agora se compreende sentisse as maiores delícias em recolher-se à *cela interior*, não falando aos homens para falar com Deus... E não fugira ela para o Templo afim de mais íntima e intensamente viver com o Amado? Que lhe importava o trato humano, se tinha familiares comunicações divinas?

O amor, porém, levava-a ao sacrifício: ela era "mui frequente„ na "penitência, disciplinas, e cilícios; jejuava todas as sextas e sábados, e usava... grossos tomentos sobre a carne„. Além disso, "praticou a paciencia em grao heroico„; mais ainda: "por evitar todo o ocio, até se occupava em remendar pelo amor de Deos as mossas do Convento„ (4).

Custódia fez de si mesma o mais completo holocausto a Deus: do corpo, que macerava sem cessar, com penitências de todo o género; da alma, que lentamente se evolava, no arroubo constante da oração... Alma dia-

---

(1) *Jardim do Ceo*, pág. 41.
(2) Ibidem, pág. 41, 47.
(3) S. João da Cruz, *Noche oscura del alma*, canção 5.ª.
(4) *Jardim do Ceo*, pag. 41.

mantina, aos 33 anos, pelo conjunto das suas virtudes, era um horto em plena e radiante floração... Mas horto cerrado, pois essas virtudes "com mui particular cuidado„ as ocultava. O Senhor, porém, as conhecia; veio colhê-las, então.

Doença. Custódia Maria passou com perfeita saúde os primeiros cinco anos de Religião. Ao fim deste tempo, porém, consequência talvez do excessivo rigor com que tratava o seu corpo, sobreveio-lhe uma doença grave: "Começou a Madre Custódia a lançar pela boca muito sangue„. Segundo refere a biógrafa, "pelo benefício das *sangrias*, e de outros remédios cessou a queixa„.

A boa religiosa continuou a ir ao Coro, levando vida normal.

Em 12 de Abril de 1739, um golpe profundo veio abalar mais ainda a sua débil saúde: sua mãe, D. Catarina do Couto, acabava de fechar os olhos para a luz desta vida. Seu pai, Manuel Ribeiro, tinha falecido também havia apenas dezoito meses [1].

Órfã de pai e mãe, que mais desejava agora senão desprender-se completamente do mundo e unir-se para sempre a seu Divino Esposo?

Não passou despercebido então às demais religiosas do Convento que "a serva de Deus se hia mirrando„, e "pela palpitação do pulso reconhecerão que tinha febre, a qual obedeceo também aos remédios, ainda que não de todo„.

Não obstante o seu estado de grave sofrimento, que se prolongou alguns meses, a Venerável Madre andava a pé, ia ao Coro confessar-se, comungar e ouvir Missa; a Matinas não ia, porque "não podia, nem a deixavão ir„ [2].

Era a última purificação por que passava o ouro das suas virtudes, em contacto com a dor... Era sua alma, diamante de fino quilate, tornando-se mais refulgente pelo buril das enfermidades da carne.

Não podia agora cantar Matinas com as irmãs, no Convento... É que chamava-a já o Esposo para entoar as Laudes, com os Anjos, lá no Céu!...

Morte. A serva de Deus não ignorava a gravidade do seu estado.

Vendo que a morte se aproximava velozmente, num sábado, dia 20 de Junho de 1739, de manhã, foi comungar, como de costume; de tarde, "foy á cerca, e lançou no poço da nora os cilicios, e mais instrumentos das suas

---

(1) Registo de S. Estêvão, I. fl 177 v; 179 v.

(2) *Jardim do Ceo*, pag 43.

penitências, para que se lhe não achasse cousa, de que se podesse inferir que as fazia, nem formar della conceito algum de virtude„.

Nessa mesma tarde, foi ao Refeitório; ora "vendo-a huma Leiga ir só, foy espreitalla da janella do mesmo Refeitorio, e a vio de joelhos diante de hum Crucifixo, que nelle está, e alli perseverou algum tempo em grandes praticas„.

Ainda nessa tarde de sábado, como havia na igreja festa ao Santíssimo Sacramento, ali exposto, ao começarem as Vésperas cantadas, foi para o Coro, pôs-se de joelhos e "assim esteve quasi tres horas, em parte oculta do mesmo Coro„ [1].

No dia seguinte, Domingo, 21 de Junho, andou a pé e foi rezar como costumava; porém, "passou de noite com agonias„.

Estavam a chegar os seus últimos momentos.

Na manhã da segunda-feira ainda quis ir comungar ao Coro, "mas não a deixarão, vendo a sua debilidade, e deoselhe a cõmunhão na cella„.

Pediu então perdão a toda a Comunidade; solicitou depois a Extrema--Unção, "porque morria, instando que fosse logo, porque se houvesse demora, não chegaria a tempo„; rogou ainda lhe dessem um crucifixo "para se despedir do seu Senhor, e Pay„.

Por fim, "acabando de receber os Sacramentos, abraçou-se com o Crucifixo, e placidamente deo a alma a seu Divino Esposo em segunda feira, 22 de Junho, das sete para as oito da manhã, tendo de idade trinta e tres annos, e de Religião seis„ [2].

Um plangente dobrar dos sinos logo anunciou à cidade o falecimento duma religiosa no convento da Conceição. Sua alma voava, rumo à Glória, cantando entretanto como S. João da Cruz:

> "Esquecime-me e quedei-me,
> O rosto reclinei sobre o Amado,
> Cessou tudo e deixei-me
> Ficando o meu cuidado
> Por entre as açucenas olvidado„ [3].

Na terra tornava-se manifesta agora a senda luminosa, a réstea indelével da sua santidade.

---

[1] *Jardim do Ceo*, pag. 42.
[2] Ibidem, pag. 43.
[3] S. João da Cruz, l. cit. canção 8.ª.

Prodígios. Ficou depois de morta "como viva, e com o rosto muito mais formoso„; conservou sempre toda a sua flexibilidade, pois sentaram-na no esquife; puseram-lhe "os braços em cruz„; levantaram--lhe as mãos, pondo-lhas erguidas, sobre a cabeça, etc. [1].

Cobriram o seu venerável corpo com muitas e variadas flores.

Havia nesse dia pregação no Convento. Eram oradores Fr. Matias e Fr. Bernardino. Estavam presentes outros padres, confessores. Pois ordenaram todos estes "que se pozesse sobre terra o venerável corpo, e que às vinte e quatro horas lhe dessem huma sangria„ – o que realmente se fez, tendo lançado sangue "tão liquido, como se estivera viva„ [2].

Em face destes prodígios, "vierão *Médicos, Cirurgioens*, e os Padres Missionários, fizerãose diversas experiencias, e assentarão que podia estar tres dias sem se enterrar„ – ao que a cronista acrescentou: "E poderia estar muitos mais, pois nestes se lhe não reconheceo corrupção alguma„ [3].

Passava-se isto no dia 23. Como no dia seguinte era a festa de S. João Baptista, retiraram o venerável corpo do Coro, onde estava exposto ao povo, para o ante-coro.

Voou célere por toda a cidade a notícia do que se estava passando no Convento da Conceição. Lê-se na sua biografia que "o concurso da gente era tanto, que foy precizo poremse na grade, e na Portaria Religiosas para repartirem bocadinhos do habito, do veo, e de outras cousas do seu uso, para assim satisfazer á ansia com que todos pedião reliquias da serva de Deos, e nem assim se pode contentar a todos, e os que as alcançavão, hião tão contentes, como se levassem joyas de grande preço„.

A multidão do povo crescia cada vez mais, o que inquietava sèriamente a Comunidade. Teve de intervir então a Autoridade Eclesiástica:

"Mandou o Doutor Provisor que no terceiro dia se lhe desse sepultura, e ainda o venerável corpo lançava sangue quando se lhe deo a 24 de Junho, dia do Precursor de Cristo: foy metido em hum caixão, por conselho dos Médicos, dos Confessores, e do Padre Fr. Mathias„ [4].

Ficou enterrada no Capítulo.

Um dos médicos que testemunhou os factos acima referidos, foi o Dr. Manoel Campello de Miranda, com clínica em Braga. Em 25 de Junho dava testemunho de que a *Madre Soror* Custódia Maria do Sacramento falecera na segunda-feira de manhã, e estivera até à quarta-feira de tarde

---

(1) *Jardim do Ceo*, pag. 43, 44.
(2) Ibidem, pag. 44.
(3) Ibidem, pag. 45.
(4) Ibidem, pag. 46, 47.

sempre *flexível*, e sendo sangrada na terça-feira de manhã, lançara *sangue em cópia*, e o estivera lançando até a hora que a sepultaram. Conclue: "O que eu vi e juro pelo juramento do meu grao" [1].

Foi sangrador um indivíduo de nome Domingos da Silva, que certificou ter a Venerável lançado sangue "com boa côr, e sem mao cheiro".

O corpo da serva de Deus foi também visto, antes de ser sepultado, por "Pedro Bossion, de nação Francez, e Cirurgião Anatomico neste Reyno de Portugal", o qual afirma e jura nos Santos Evangelhos a mesma coisa que declarara o Medico Campello de Miranda [2].

Era Abadessa do Convento da Conceição quando faleceu a Venerável, D. Jacinta Catarina do Deserto; vigária, D. Jacinta Francisca do Lado; escrivã, Soror Serafina Tereza de S. João.

Os depoimentos das religiosas que testemunharam os factos referidos, bem como os dos médicos e do sangrador, foram todos autenticados pelo reconhecimento do Tabelião Geral, Rafael da Rocha Malheiro [3].

Por esta mesma ocasião, em S. Estêvão de Penso, o vigário, P. Gaspar Teixeira, averbava à margem do assento de Baptismo de Custódia Maria: "Falleceo a 22 do mmo mes de Junho de 1739 no Convento da Conceição *com grande opinião de Santide*" [4].

Na mesma página se abrira e se encerrara o termo desta vida que fora breve, mas intensa, humilde, mas gloriosa.

Na página do Baptismo – da inocencia, as páginas da vida – todas iguais pela virtude, mais a página da morte, a mais bela: da santidade.

Mas Custódia Maria pròpriamente não morrera. Passando desta vida nimbada em halos de Bemaventurança, aquele dia não foi para ela o último, não!

Exumação. Decorria o mês de Julho de 1749. Eram já passados mais de dez anos sobre a morte da Madre Custódia Maria do Sacramento. Dois lustros, era tempo suficiente para ficar quase de todo esquecida aquela cujo passamento foi acompanhado de factos um pouco extraordinários.

Pelo contrário! Mais presente que nunca na memória de todos, não mais deixou de ter devotos, os quais, por sua intercessão, alcançavam de

---

(1) *Jardim do Ceo*, pag. 50.

(2) Ibidem pag 51.

(3) Ibidem, pag. 48, 52. Rafael da Rocha Malheiro foi constituido Notário, em Braga, por provisão que se encontra no Registo Geral, Livro 134, fl. 143 vº.

(4) Registo de S. Estevão, I, fl. 61 v.

Deus sempre novos e maiores prodígios e graças: curas extraordinárias de paralisias, doenças de olhos, febres malignas, etc. [1].

O seu túmulo era objecto da máxima veneração, não só por parte das religiosas do Convento que a ela em suas aflições recorriam, como por parte do povo, tanto de perto como de longe. Jazia, porém, no chão humilde do Capítulo, sob uma pedra fria e húmida...

Determinaram então as Religiosas solicitar da Autoridade Eclesiástica a provisão necessária para a sua trasladação.

Desta forma, dirigiram uma petição ao Sereníssimo Arcebispo, D. José de Bragança (1741-1756), na qual narravam como realmente a Madre Custódia Maria do Sacramento falecera havia cerca de 11 anos, durante os quais, pelos prodígios e graças mais variadas que obrara, se tornara venerável; e como os seus ossos estavam sepultados "em hum Semitério indecente", pediam licença para fazer a sua trasladação, do referido lugar para o Coro de baixo, aonde os queriam colocar, em lugar condigno, junto à parede [2]. Assinava a Abadessa, D. Filipa Maria Josefa dos Anjos.

Ora achava-se ausente, desde 1746, em visita pastoral, o Arcebispo Primaz. Tendo-lhe sido, porém, remetido para Murça de Panoia, onde se encontrava, o requerimento, em 1 de Agosto de 1749, dera-lhe o seguinte despacho: "Quando Nos recolhermos Se dara a providencia q̃ parecer conv.te" [3].

O ínclito Arcebispo regressou a Braga em 7 de Outubro do ano seguinte [4]. Desconhece-se, por falta de documentos, que providências tomou a este respeito. Sabe-se, no entanto, que a solicitada licença foi concedida antes de 1758, pois nesta data, segundo se lê no Manuscrito da Biblio-

---

[1] Até ao ano de 1764 foram registados no *Jardim do Ceo* 50 casos, 19 dos quais autenticados: ver o cap. VIII, pag. 52 a 78.

[2] Eis o teor da petição: "SereniSso Snr. Dizem a Me Abb.a e mais Religiozas do Convento de N. Sra da Conceição da Cidade de Braga q haverá onze annos falleceo no meSmo Convto huma Religioza chamada a M.e Custódia Maria do Sacramento que deSde entam Se tem feito Sempre Veneravel Com florecer em prodigios que D.s Sr N. por interSsão della, tem obrado; e ainba obra em varias peSsoas que della Se tem Valido, e por mejo da sua devoção a ella recorrem: poiz tem cegos recobrado vista, alleiiados e infermos Conseguido Saude e outros experimentado Varias maravilhas. E porq estão os seus ossos Sepultados em hum Semiterio indecente e iá hua Religioza devota q quer ConCorrer Com a deSpeza neceSsa pa elles Se ColloCarem no Choro debaixo fazendosse junto a parede delle lugar aComodado em q esteiam Com maior deCencia Sendo pa ahi transladados, e nisso terá todo o Convto hua grande Consolação spiritual.

P. a V.A. SereniSsima Se digne dar licensa pa a dita translação que as supp.tes farão inceSsantes Com todo o Convto deprecasão a D.s pela vida e saude de V.A. E. R. M.

D. phelipa M.a josepha dos Anjos Abba". (Do Arquivo Distrital de Braga, documentos avulsos do Convento da Conceição).

[3] Ibidem.

[4] Mons. Ferreira, *Fastos*, III, pag. 311.

teca Pública de Braga [1], redigira a Madre Maria Benta do Ceo a biografia da Venerável, publicada no *Jardim do Ceo* em 1766, e já dá como concedida essa licença, e como preparado o caixão que havia de recolher os seus veneráveis restos.

Esta provisão foi passada após a instauração dum meticuloso processo sobre a vida e milagres da Serva de Deus.

A trasladação, porém, não se fez nos anos mais próximos. Desconhecem-se as razões. Sabe-se, sim, que a veneração da Madre Custódia aumentava sempre mais na alma das Religiosas e do povo – como o provam as graças extraordinárias referidas no capítulo VIII do citado *Jardim do Ceo*.

Corria o ano de 1772. Era Arcebispo D. Gaspar de Bragança (1758-1789). Agora já as Religiosas se não satisfaziam com a trasladação dos ossos da Venerável, ainda por efectuar; pensavam a sério na sua Beatificação e Canonização.

Beatificação. E como não haviam de tratar da glorificação duma alma cuja heróica virtude era verdade insofismável, e agora se via confirmada tão claramente pelo selo divino do milagre?

Assim, a Madre Maria Benta do Ceo que ainda conhecera e tratara a Madre Custódia, depois de ter tão piedosamente descrito no *Jardim* sua vida, virtudes, morte e prodígios, de que fora testemunha, lança-se agora com imensa solicitude e incansável esforço à organização do Processo para a sua Beatificação.

Consta-nos dos seus primeiros passos neste sentido por uma carta de Gonçalo de Almeida Pontes, Abade de S. João de Airão, formado em Cânones, com data de Novembro de 1772. É uma longa carta, resposta a outra da referida Madre, onde o canonista descreve duma forma muito completa e clara, todas as vicissitudes por que passam as causas de Beatificação.

Deduz-se do teor desta missiva que o processo da Venerável Custódia estava já nesta data um tanto adiantado; entre outras coisas, o referido Abade recomenda:

"Estes ProceSsos q V. S. agora quer inviar p.ª Roma, hé precizo q vão em forma authentica" [2].

Aconselhava também, como medida de prudência, cuidasse ela de que em Roma fossem os documentos examinados, antes de serem enviados a despacho, por um letrado, perito e prático na matéria, "q avize se hé necess.º fazerse cá mais alguma diligencia p.ª ante o Ordin.º, e o modo e forma

---

(1) Manuscrito n.º 785, fl. 22 v.
(2) Arquivo Distrital de Braga, Documentos avulsos do Convento da Conceição.

como ha-de ser feita.... com o fim de evitar fossem depois estas diligências feitas por Comissões Apostólicas, com despesas consideràvelmente mais agravadas [1].

Quem terá organizado este processo que com tanto zelo promovia a Madre Maria Benta do Ceo?

Encontra-se entre a correspondência desta religiosa uma carta sem data, mas provàvelmente de 1772, assinada por Francisco Alves Martins, na qual este lhe conta como chegara a S. Estêvão de Penso, onde já encontrara "o bom P. Manoel de Araujo e o R.do Vigr.º e o Capitão Sobr.º da Serva de Deus [2], onde esperamos bastante tempo pelo Excellente Ministro da diligência„. Esta diligência era uma parte do Processo; na mesma carta lê-se, depois:

"Entrou (o referido *Ministro*) logo com as testemunhas com m.º zello e boa alegria com o Secretr.º o P. An.º Jozé Albim, *bem experimentado em semelhante materia por ter já sido na do Snr. D. Fr. Bartholomeu dos Martires*„.

Vê-se, pois, que o Processo em 1772 estava a correr em forma.

Nesta ocasião pensaram as religiosas tornar efectiva a trasladação dos veneráveis restos, para o que há tanto tempo já tinham uma provisão do Prelado e preparado um belo relicário. Não quiseram proceder sem consultar os entendidos, pois como corria a causa da Beatificação, recearam pudesse esse facto ter más consequências.

Por isso, a Madre Maria Benta escreveu de novo ao Dr. Gonçalo de Almada Pontes, dizendo-lhe quais os seus planos e se via nisso algum inconveniente. A resposta não se fez esperar. O douto e meticuloso canonista, em carta de 30 de Janeiro de 1773, respondia desaconselhando essa trasladação, nestes termos:

"De nenhua Sorte Convém Se faça, por mais indigno que Seja o lugar em q se achão, porq certam.te ha de obstar à Beatificação e Cannonização que Se pertende daquella Serva de Deos, pois a transladação p.a lugar mais sublime hé tido por culto, e vener.am publica, e q.do vier de Roma a Remissoria Sobre a delig.a a que chamão = De non Cultu = constando da dita transladação p.a lugar Semelhante, certam.te se ha de por hu senão perpetuo, m.to dilatado Silencio, na dilig.a em q. Se anda, e tarde ou nunca virá a ter effeito; aSsim o tem expreSsam.te neste Cazo de transladação, a este respeito de oSsos, o doutiSsimo Pignatelli, tomo 1.º, Consulta 186„ [3].

---

[1] Arquivo Distrital de Braga.

[2] O Capitão José do Couto Ribeiro e Castro, filho de Manuel do Couto Ribeiro, irmão mais velho da Venerável.

[3] Documentos avulsos do Convento da Conceição.

Esta resposta deve ter sido para as Religiosas da Conceição uma surpreza muito desagradável. Não obstante a autoridade doutrinal de quem ditava tal sentença, resolveram ouvir outro perito. Foi este o Dr. Custódio Luiz Dias, morador na Rua dos Chãos de Baixo, que tinha a parte mais activa na Causa da Madre Custódia. O seu parecer foi do teor seguinte:

"Não me poSso persuadir por hora, q a mudança dos oços da noSsa Venerável, pr^{a} mays alto ou bayxo Sendo feyta pello pr. Ordinr^{o} haja de

Relicário onde se guardam os venerandos restos da Madre Custódia Maria do Sacramento — na igreja da Conceição (Colégio de Regeneração — Braga)

Servir de impedim.^{to} à Beatificação porem Sempre recorremos a Roma, e darey p.^{te} a seu tempo. (1).

Nada se sabe da resposta de Roma; a trasladação, porém, foi um facto.

Em data desconhecida, antes porém de 1778, registara Maria Benta do Ceo no caderno de contas desta causa a seguinte verba:

"Gastos na *Inquirição 1 ^{a}* q tirou o Rvdo. José Pinto Brochado e o Escrivão da Camara (processo prévio à trasladação) e mais na *trasladação dos seus* ossos p^{a} o choro de Sima, 48.390 rs. (2).

Para que a notícia fosse completa, a Religiosa não deixou de apontar que todo este dinheiro o deu o Rvdo Reitor de Ronfe, João do Couto Ribeiro, irmão da Serva de Deus.

E lá se conserva ainda hoje, no Coro de cima da igreja do Convento da Conceição (actual Colégio da Regeneração), no altar do Senhor dos Pas-

---

(1) Documentos avulsos do Convento da Conceição.
(2) Ibidem.

sos, um pouco abaixo desta imagem, o modesto relicário, pintado e dourado, com a seguinte inscrição: "Ossos da Venerável Madre Custódia Maria do Sacramento q falesceo aos vinte e dous do mês de Junho no ano de 1739„.

Na tampa, muito deteriorada pelo tempo, está pintado o escudo das Armas dos Sousas, dos Abreus, Magalhães e Vasconcelos, tendo como timbre um elmo encimado por um coto de águia (Abreus).

Nesta data já estava em Roma a causa da Venerável. Seguiria lá os trâmites normais?

Foi enviado o Processo ainda no ano de 1772. Na verdade, em 31 de Dezembro de 1772 fechava contas com a Madre Maria Benta o Dr. Custódio Luiz Dias, passando recibo de 8.535 reis "por conta dos *portes dos maços* q forão p[a] Roma em f[a] authentica pello ... Ordinr[o] p[a] cõ elles Se Suplicar ao Papa a Beatificação da Venerável M.[e] Cus[a] M.[a] do Sacram.[to] e a seu tempo lhe darey conta das despezas q se vão fazendo nesta delig[a] confr.[e] os auizos q vierẽ de Roma p[a] onde foy recomendada a peSsoas m.[to] conspicuas, e da mayor integrid.[e]„ [1].

Ou porque os documentos não foram bem, ou porque não foram todos duma vez, novos maços seguiram para Roma em 13 de Abril do ano seguinte de 1773, que no registo das contas figuram como "*trestados*„ (treslados?) e cujo porte somou a quantia de 17.205 reis.

Por uma terceira vez neste ano foram enviados documentos para Roma, em 17 de Março, cujo custo, com diversas outras despesas, perfez um total de 13.980 reis [2].

Como foi acolhida esta causa em Roma, quem lá a terá patrocinado, etc., disso não se encontram notícias. É certo contudo que as coisas tiveram algum despacho, pois em 24 de Janeiro do ano seguinte escreveu o Dr. Gonçalo de Almada Pontes à Madre Ceo, falando-lhe na tradução dos "interrogat.[os] q hade oferecer o Promotor e dos artigos q hãode dar os sub-promotores p[a] a inquirição q se ha-de fazer de tes.[as]„; propõe-se ele, Dr. Pontes, fazer essa tradução "da lingua latina em q vem de Roma p[a] a portuguesa, assistindo em Braga„ [3].

Os *interrogatórios* e *artigos* realmente não se fizeram esperar; neste mesmo ano de 1774 Roma ordenara se fizessem em Braga "huas diligencias e Se remetesem p[a] Lá Se defirir a dita Suplica„ (isto é, a Beatificação).

Estas diligências, contudo, não se fizeram logo. Desconhecem se os motivos. Passaram-se quatro anos – quatro longos anos de inacção, à espera

---

(1) Documentos avulsos do Convento da Conceição.
(2) Ibidem.
(3) Ibidem.

do despacho das Autoridades Eclesiásticas Bracarenses. Durante este tempo, sofria inconsolàvelmente a Madre Ceo, alma animadora desta empresa; e sofria outro tanto, mais ainda, o Reitor de Ronfe, P. João do Couto Ribeiro, cujas esmolas eram a mola real desta causa, de processos tão dispendiosos. Com seus 82 anos e seus achaques, via dia a dia fugir-lhe a vida e dissipar se também, com estas demoras, a dulcíssima esperança de dizer missa ainda em honra da Beata Custódia, a sua irmazinha mais nova...

No comêço de 1778, a Madre Ceo resolveu-se a apresentar ao Arcebispo Primaz uma instância para por o processo novamente em marcha. E' simultâneamente uma petição humilde e uma justa e sentida queixa. Ei-la transcrita textualmente:

«Serenissimo Senhor.

Expom aos pes de V.A.R. a M.e Abb.a e mais Religiozas do Conv.to de nossa Snr.a da Conceição desta Cid.e que na suplica que com ordem de V.A.R. apresentarão a Curja Romana, pa a viatificação, e canonização da sua Veneravel Custodia Ma do Sacram.to da qual mandarão q nesta Cid.e Se fizessem huas diligencias e Se remetesem pa Lá Se defirir a dita Suplica, está esta ordem nesta Cid.e vai em quatro annos Sem Se dispidir pa a Sé Appostólica, da qual pedem a brevidade, e juntam.te esta dilação lhes fás as Suplicantes grande prejuizo, que a pessoa q dá a esmola pa estes gastos, poderá morrer e ao dipois não tem q.m lhes dê pa findar a dita diligencia, pello que

P. a V. A. R. q Como Pai e Sñr. e emparo deste Conv.to, atenda ao referido e a ser a dita diligencia do Serviço de D.s e Credito da Communid.e detrimine dia aSinalado aos do adigunto pa q não faltem neste conclabe, e se de fim ao mando da Sé Apostolica, em thé o São João, q por esta esmola Suplicarão a D.s pella Saude e Vida de V.A.R.

E.R.M.» (1)

Não podia deixar de ser atendida esta petição. O despacho necessário para a inquirição das testemunhas foi passado e logo o Dr. Custódio Dias se apressou a dar tão agradável notícia à Madre Ceo, em carta que vimos, sem data, onde lhe dá conhecimento da "provisão em q sua Alteza R. deu o seu consentim.to para esta diligencia" (2).

Os trabalhos recomeçam com novo entusiasmo. Recomeçam também os obstáculos. Em carta de 24 de Janeiro de 1778, o Dr. Custódio Dias dá notícias à Madre Ceo das dificuldades em findar a sessão principiada: teria

---

(1) Documentos avulsos do Convento da Conceição.
(2) Ibidem.

de ir o Escrivão a Vila Real, tinha de vir de Tibães o Mestre dos Noviços para jurar, era necessário vir também um homem da serra da Estrela, etc [1].

Vencidas estas dificuldades, logo outras surgiram. Não era das menores a lentidão com que se movia o Provisor do Arcebispado.

A Madre Ceo, instada pela impaciência do velho Reitor de Ronfe, apertava com o Dr. Custódio Dias. Este, em carta datada de 4 de Abril de 1778, procura justificar-se, dizendo:

"Não lhe paressa q eu me descuydo em buscar os meyos neSsr.os pa Se travalhar, e expedir o Sempre CanSado nego da noSsa Veneravel, pore não basta iSso, e só Ds noSso Sr he q pode consolála pa as brevid.es q pertendemos e aomo S. he q Va E. hade recorrer; este Snr. Provizor he o q mais nos custa a mover e como vai por lá falla cõ as irmans, mto pode fazer co' ellas, porq elle ja anda bo da gota„ [2].

A grande preocupação que a todos afligia, em face destas delongas, eram as moléstias do velho Reitor. Temiam que o bom velhinho morresse, dum momento para o outro, e que, por falta de meios, morresse com ele também a grande empresa, tão piedosa e sacrificadamente começada.

Eco destas apreensões é a carta, sem data, do Dr. Custódio Dias à Madre Ceo, na qual lhe recomenda: "Va E. fassa q venha dinhro pa a sua mão pa estar prompto qdo for neSsro„ [3].

Os últimos documentos que apareceram referentes à Beatificação da Venerável Madre, são duas cartas do mesmo Dr. Custódio, ambas de Junho, deste ano de 1778.

A primeira, do dia 15, é mais uma queixa em face das novas dificuldades que encontra:

"Encomdo tudo a Ds q Só eSse hé q pode Remover todos os impedim.tos diabolicos q nos imbaração a cada inst.e„.

Na outra, do dia 28, fala em se esperar a vinda de S. A. R. Diz, porém, que ele "pode Subdelegar donde se acha em peSsoa q defira juram.to às pessoas q de novo hão-de ser nomeadas pa se caminhar com a diligencia q pertendemos„.

Deduz-se desta carta que o Dr. Dias se sentia forte perante tantos obstáculos. A tenacidade da sua vontade ia superando, uma a uma, incessantes dificuldades. Agora, apenas o afligia a morosidade destas diligências, mais ainda pela impaciência do velhinho de Ronfe, do que por si mesmo; "O pior mal he a demora, e hiremos vendo como Se vão dispondo as cousas

---

(1) Documentos avulsos da Convento da Conceição. Com este homem, gastaram-se 20.425 reis

(2) Ibidem.

(3) Ibidem.

e se o Rdº Reytor Se infada Cõ as demoras tambe nós, q travalhamos mays do q elle pª desincalhar a Nao q a cada paSso pára. [1].

Não era a falta de meios a causa de tantos atrasos. Em 16 de Junho deste ano a Madre Ceo punha em dia todas as receitas e despesas com a Causa. Apurara que nas diversas *diligências* se haviam dispendido até essa data 147.620 reis. A acrescer a esta soma, os gastos da trasladação – 48.390 reis, mais *meia moeda* – 2.400 reis – para o *retrato* da Venerável "q ha-de ir pª Roma„. Ficava ainda "líquido, pª os mais gastos„ – um total de 56.335 reis [2].

Esta soma, salvo a quantia de 3.420 reis, esmola do Capitão José do Couto Ribeiro e Castro, foi desembolsada pelo P. João, irmão da Venerável.

Como se passaram as coisas do mês de Junho de 1778 em diante, é segredo que, por falta de documentos, não se consegue desvendar. Os papeis soltos e cartas onde colhi as informações dadas sobre esta causa, só por um mero mas providencial acaso se conservaram e guardaram no Arquivo Distrital, entre os Prazos e mais papéis de ordem económica dos maços de documentos provenientes do Convento da Conceição.

E' certo, no entanto, que este processo continuou a correr, pelo menos até ao ano de 1784, na Cúria de Braga. Porque o afirmo?

Porque vi, no Arquivo Distrital, dois grandes maços, cosidos, de documentos que eram parte integrante dele. São originais? São duplicados?

Em face das precedentes informações, tão precisas, dos "*maços q forão pª Roma em fª authentica*.... não parece que se trate de originais. Seja como for, o maço mais volumoso abre no ano de 1776 e encerra-se no de 1784, com um depoimento da Madre Ceo.

Para além desta data, só o silêncio, o mistério do desconhecido... que talvez um dia se rompa, quando se pronunciar sobre este assunto o Arquivo do Vaticano...

Ainda viveria nesta data o velho Reitor? Provàvelmente, não. Fizera o seu testamento muito antes, em 14 de Julho de 1780, aprovado dois dias depois pelo Tabelião Francisco de Abreu Guimarães; nele dispunha se dissessem por sua alma mil missas, de esmola de cem reis cada uma. As *relíquias* deixava-as ao sobrinho P. José Vieira do Couto Ribeiro e constituia seus universais herdeiros outros dois sobrinhos: José do Couto Ribeiro, Capitão, da casa do Assento, em S. Estêvão de Penso; e João José Cardoso, filho de Dona Josefa Maria do Couto Ribeiro e seu marido Ma-

---

(1) Documentos avulsos do Convento da Conceição.
(2) Ibidem.

uel Cardoso da Silva, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, senhor la casa do Barreiro, em Ronfe [1]. Para esta casa precisamente foi o *retrato* da Venerável Madre que depois D. Maria Teodora Cardoso do Couto e Vasconcelos, filha do último, levou para Vila Boa (Joane), onde ainda hoje se encontra, na posse dos seus descendentes. E' o que vai reproduzido no início destas páginas.

Das *relíquias* nada se sabe.

Morria assim o piedoso sacerdote, insatisfeito, pois ainda via longe a glorificação oficial, na terra, da Venerável irmã... mais longe que nunca mesmo, porque se sabia morrer!

Baixou pois à sepultura onde jaz, na capela-mor da igreja de Ronfe, envolto no pó que os vivos pisam altivamente... como à mesma terra desceu, em qualquer parte, antes ou depois, a Madre Maria do Ceo; com eles, ou pouco depois, a causa nobre e piedosa da Beatificação da Venerável Madre Custódia seria sepultada também, no pó dos Arquivos – outra espécie de túmulos – no pó do silêncio, do esquecimento...

Aí jazem, há mais de século e meio!

Uma voz, porém, um brado altissonante, vindo do Céu, continuou a ouvir-se ainda longo tempo, quebrando este silêncio: a voz das graças e prodígios que Deus ia operando por meio da sua Serva. Felgueiras Gaio, ocupando-se em 1792, no título CASTROS, § 121, de D. Maria Rosa Álvares

---

[1] O Casal do Barreiro foi propriedade de Domingos Rodrigues Rosa, presbítero, natural de Ronfe, filho de João Rodrigues e sua mulher Maria Ferreira, o qual obteve de Roma uma *conesia*, na Colegiada de Guimarães, por óbito de seu tio e antecessor, o Rev.º António de Araujo da Maia, da qual tomou posse em 23. VI. 1721, renunciando-a, em 1733, por coadjutoria, em seu sobrinho António Roiz da Silva Mendes (*Boletim de Trabalhos Históricos*, Guimarães, vol. III, n.º 3, pag. 137).

Este mesmo Cónego Domingos Rodrigues edificou junto à sua casa uma capela em honra de Nossa Senhora, em cujo interior ainda hoje se admira a formosíssima talha do altar, do mais belo do estilo. Estava já concluida e foi passada provisão para ser benzida em 1739 (Registo Geral, Livro n.º 94, fl. 294 s.). Desta Capela tratou o P. Oliveira Guimarães na *História do Culto de N. Senhora no Concelho de Guimarães* e Vasco Césai de Carvalho em ASPECTOS de VILA NOVA II — *A Justiça*, pag. 20 ss.

Em seu testamento, feito a 2. IX. 1754, dispôs o Rev.º Cónego Rosa que seu corpo fôsse sepultado na capela do seu património, num caixão de pau, com uma pedra por cima e nela esta inscrição: MIHI SOLI ET NON ALIIS.

Constituia seu universal herdeiro o referido Manuel Roiz Cardoso da Silva, Cavaleiro da Ordem de Cristo, filho de seu sobrinho Manuel Roiz da Silva e de Águeda Cardosa, do lugar do Loureiro, Brito. Impunha certas obrigações e declarava os objectos preciosos do culto que deixava na capela.

Foi aprovado este testamento pelo Tab. Manuel Pereira da Silva. Por sua vez, Manuel Cardoso da Silva fez também testamento, em 24. I. 1681, no Tab. Luis A. de Abreu, em Guimarães, instituindo seu herdeiro o filho João José Cardoso do Couto "para haver de casar com D. Maria Joaquina de S. Miguel", o qual também foi herdeiro de parte dos bens do Reitor de Ronfe, como se disse.

de Castro, fala em seu marido, o Capitão Manuel do Couto Ribeiro e nomeia a irmã deste, a Venerável:

"Costodia Mª do Sacramᵗᵒ freira na Conceipção em Braga q morreo com testemunhos de *Santidade* e dizem *fizera milagres* e *inda* os *faz*" (1).

Eram os protestos do Céu contra o esquecimento da terra.

Esquecimento, sim, mas – consolação nossa – relativo apenas; sua virtude, sobejamente comprovada, elevou seus restos venerandos às honras dum altar, embora na clausura do coro dum convento... Lá se encontram, numa arca adornamentada, com seu nome escrito em letras de ouro, bem patentes à veneração particular dos seus devotos, junto da imagem do Senhor dos Passos, entre rendas e flores!

*

* *

Foi também como quem anda às flores para uma grinalda, Venerável Madre, que dia após dia acumulei documentos para esta biografia. E que belas flores as páginas da vossa vida, as revelações da vossa morte! Exumando estes factos do olvido em que jaziam, outra intenção não tive senão dar testemunho à vossa heróica virtude – que tão cuidadosamente viva ocultastes, mas Deus, depois de morta, patenteara ao mundo.

Por isso o fiz com o escrúpulo que merece a Verdade e mais ainda as coisas santas.

São pois estas páginas assim como um feixe de rosas – e estas não murcham – que deponho no sopé do altar onde jazeis desconhecida... São a homenagem de piedade e amor a que me obrigavam o sangue e o coração.

Braga, Março 1949.

---

(1) *Nobiliário*, tomo 11, pag. 94 s. Este autor continua assim a sua referência: "E se acha sepultada no coro de baixo dentro de hum Caixão com tres chaves hua tem o Abᵉ outra os Arcebispos e outra anda nos parentes".